

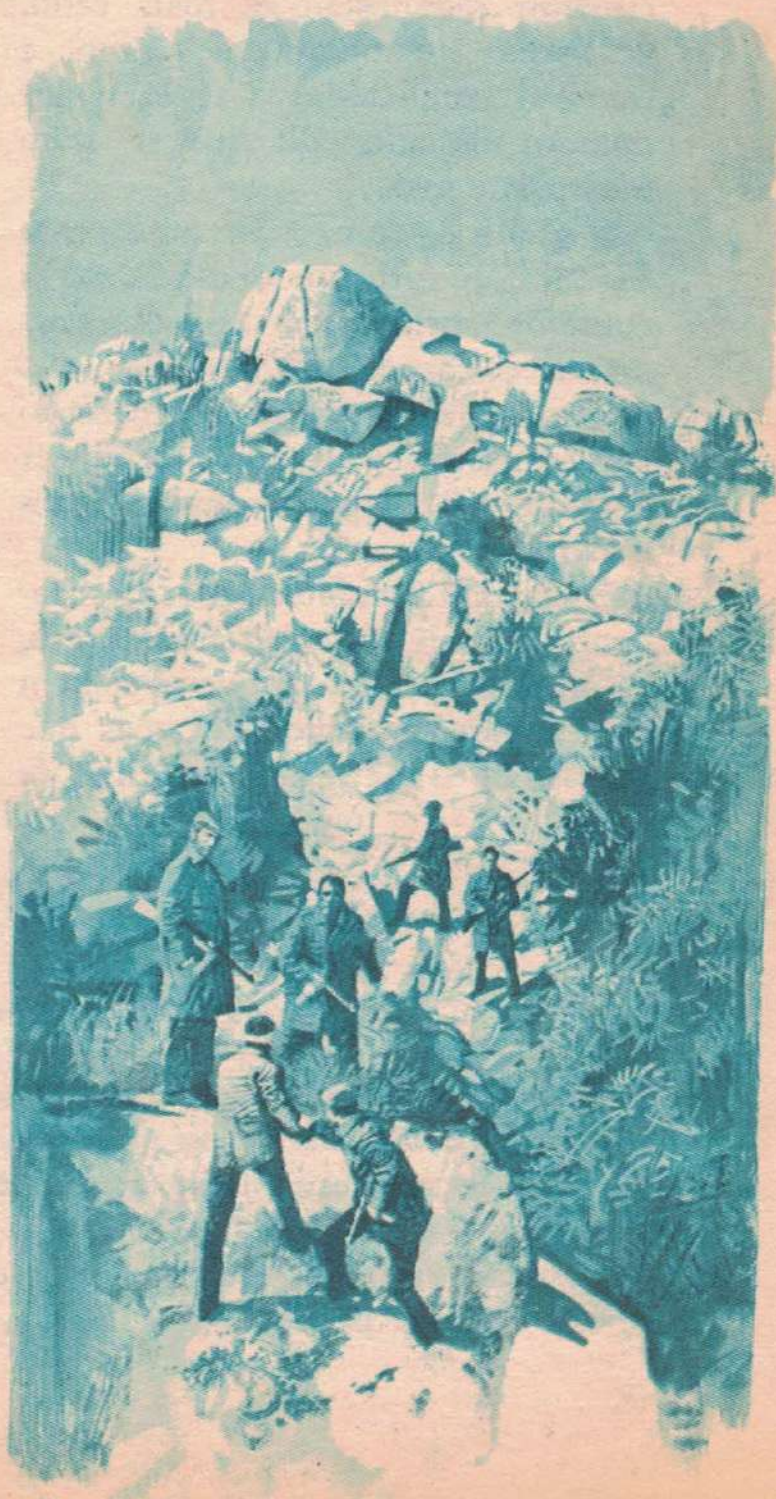
Ao lançar-se à caça dos homens que o sequestraram e cobraram resgate, um comerciante corajoso derrotou os bandidos da Sardenha no seu próprio território

A Desforra de Luigi Moralis

FRANCO PIERINI

ERAM oito e meia da noite de sexta-feira, 15 de março de 1968. Luigi Moralis (Nino para os amigos) e Rosa, sua mulher, contavam a receita do dia na sua metalúrgica perto de Cagliari, na Sardenha. Rosa e um jovem empregado da firma, Aldo, saíram para apanhar no carro um papel de que precisavam. De repente, Rosa gritou: «Nino! Nino!» Moralis, um homem atlético e saudável, então com 48 anos, de olhos azuis e pele muito queimada, correu para a porta.

No pátio, deparou com cinco homens vestindo capuzes de lã e empunhando metralhadoras, rendendo sua mulher e Aldo. Quando Moralis apareceu, fizeram os três entrar no escritório. Um dos assaltantes recolheu o pacote de notas que Moralis lhe atirou. Ficaram então à espera do motorista de caminhão de Nino, agarrando-o quando ele encostou no pátio. «*Avanti! Vamos embora!*» Os homens começaram a empurrar os prisioneiros em direção ao Alfa



Giulia de Rosa, e nesse momento Moralis deu-se conta de que não se tratava de um assalto comum. Era um sequestro.

Nino, a mulher e Aldo foram socados no banco de trás do carro, o motorista do caminhão foi metido na mala, e três dos homens armados sentaram-se na frente, um deles apontando a sua metralhadora para trás. O carro arrancou rumo norte. Moralis observou que o motorista era um sujeito grande e, embora apertado pelos dois companheiros, guiava bem e com segurança o carrinho esporte. Pouco depois, entraram por uma estrada secundária e pararam perto de um caminho de terra, onde se encontrava estacionado um caminhão carregado de tijolos.

Rosa, Aldo e o motorista do caminhão saíram e foram amarrados. Depois de os encapuçados terem desaparecido na escuridão, levaram duas horas se desamarrando. Voltaram andando para o depósito, de onde Rosa telefonou à Polícia.

ENQUANTO isso, Nino tinha os olhos vendados e a cabeça coberta por um capuz e era obrigado a deitar-se num buraco aberto entre os tijolos. Embora percebesse o caminhão vencer uma subida íngreme e cheia de curvas, não tinha idéia de que estava sendo levado para o montanhoso e selvagem centro da ilha, a Barbagia, onde os bandidos da Sardenha tradicionalmente ocultavam seus reféns à espera de resgate.

O caminhão finalmente parou, e a jornada prosseguiu a pé. A certa altura, escalando um baixo muro de pedra, Moralis caiu e deu um corte feio na perna. Seus captores consentiram que ele removesse a venda um momento, a fim de tratar do ferimento. Ao baixar a cabeça, Nino notou uma série de luzes em linha reta, à distância, à sua esquerda.

Continuaram marchando noite adentro, o dia seguinte todo, parando com frequência a fim de não serem vistos. Seriam umas cinco da tarde quando os bandidos lhe permitiram novamente retirar a venda e comer um pedaço de pão com queijo. Estavam agora num valezinho cercado de rochas de granito; perto, à direita, Nino pôde distinguir uma construção grande, avermelhada. Retomaram a marcha em seguida, e pouco depois chegaram a uma caverna baixa, aberta na rocha.

«Chegamos, Signor Moralis», disse um dos homens. «Agora podemos conversar. É o resgate ou a sua vida.» Nino recebeu ordem de escrever uma carta à mulher, dizendo-lhe que preparasse o dinheiro, não falasse com a Polícia e seguisse as instruções à risca. O resgate exigido eram uns fantásticos 200 milhões de liras.

Nino pôs-se a escrever, mas apenas para que a mulher soubesse que se encontrava vivo e bem. Apesar das repetidas ameaças, recusou-se a mencionar uma soma de dinheiro. Finalmente, um dos homens arrancou-lhe o papel da mão, rabiscou qualquer coisa em baixo e disse: «Você vai se arrepender disso.»

Mas, quaisquer que fossem as consequências, Nino achou que tinha conseguido uma vitória, ainda que pequena, ao recusar-se a estabelecer o seu resgate.

Exausto, deitou-se e tentou dormir, mas doíam-lhe todos os ossos do corpo. Mais que isso, estava furioso. Nascido no Piemonte, havia progredido com o negócio de ferro-velho herdado do pai, transformando-o numa das empresas mais prósperas da ilha. Agora aqueles homens queriam destruir tudo.

Nino Moralis não era dos que desistem facilmente. No começo, ficou planejando fugas impossíveis, uma após outra. Pouco a pouco, porém, um plano mais realista começou a cristalizar-se na sua mente. «Tenho de aprender a me lembrar desses homens, a distinguir cada um deles, guardar cada movimento que façam... para depois...», ele dizia a si mesmo. Tendo-se decidido finalmente, Nino Moralis adormeceu.

Nino foi posto em liberdade exatamente 32 dias depois da sua captura, após Rosa Moralis, por meio de emissários, ter negociado com os sequestradores, conseguindo redução da quantia para 80 milhões de liras, que foi paga pelo resgate do marido. Nesse tempo todo, somente quando estava sendo libertado, numa estrada, foi que Nino conseguiu espiar rapidamente um dos seus captores.

Depois de repousar da sua aventura, Moralis pegou o calendário da cozinha e, entre 15 de março

e 16 de abril, começou a anotar tudo quanto se lembrava do seu cativeiro. Baseado nas suas impressões, dera a cada um dos homens um apelido. Os sequestradores, para ele, eram *Il Tecnico della Lettera* (O Especialista em Escrita, porque ele ditara o bilhete de resgate), *Il Capitano* (como os demais o chamavam), *Il Mio Amico* (o que se mostrara mais amistoso com ele) e *Il Boia* (O Carrasco, porque parecia o mais perigoso).

Havia também pequenas mas valiosas pistas. Para passar o tempo de cativeiro, Moralis mantivera longas conversas com os captores. Dessas conversas, obteve indicações sobre as personalidades dos homens, do que gostavam e do que não gostavam. Por exemplo, *Il Mio Amico* parecia gostar de carros e sabia tudo a respeito; *Il Boia* tinha problemas nervosos, sofria muito, tomava sedativos e tinha perdido três dentes numa queda de cavalo. Moralis sabia ainda que um dos seus guardas era mais alto e mais magro que ele, outro mais baixo e mais atarracado. A caminho do lugar onde seria solto, acidentalmente encostara-se neles.

Por outro lado, havia a questão do carro azul. Amigos que haviam agido como emissários da sua mulher contaram-lhe depois que a entrega do dinheiro se processara no meio de uma estrada. Tinham sido marcados diversos encontros, e de cada vez um Fiat 1100, azul, com placa de Vercelli, no Piemonte, fora visto passando a alta velocidade,

levando um homem e uma mulher.

Enquanto reunia suas próprias pistas, Moralis era também inquirido por policiais, detetives e juizes. Fizeram-lhe incontáveis perguntas sobre os sequestradores, mostraram-lhe galerias inteiras de «Procurados» e fizeram-no prestar longos depoimentos. Mas Nino sabia que nenhum caso de sequestro na Sardenha jamais havia sido resolvido por esses métodos oficiais. Se quisesse que os seus sequestradores fossem apanhados, teria de agir à sua maneira.

Em primeiro lugar, começou a fazer amizade com *carabinieri* sem graduação, gente que vivera sempre entre o povo local. O principal destes era o cabo Salvatore Serra, um homem alto, curtido, com anos de experiência na região da Barbagia. Para Moralis, as suas observações eram as que faziam mais sentido.

Uma delas foi: «Uma vítima de sequestro é sempre escondida em território conhecido, nunca fora dele.» Portanto, para diminuir a área de busca, o importante era localizar a caverna. Depois de calcular as distâncias mais ou menos, a partir do local onde fora solto, Moralis traçou um triângulo no mapa da Sardenha. Cobria o coração da Barbagia e várias comunidades rurais. Alguns dias depois, convidou os *carabinieri* sem graduação dessas cidades para um encontro em sua casa e explicou-lhes que andava à procura de dois marcos: uma série de postes de luz antigos em linha reta — achava que os

postes deviam ser antigos porque as luzes não emitiam o brilho azulado das modernas lâmpadas de neon — e uma construção avermelhada perto de um vale cheio de rochas. Poderiam ajudá-lo?

Passados três dias, um dos *carabinieri* telefonou para Moralis: «Acho que descobri o que você está procurando. Pode vir ver?» Moralis foi, e, não havia dúvida, lá estava ela — a linha reta de luzes, não muito longe do «vale com rochas», o que era realmente um antigo leito de rio.

A construção avermelhada era uma igreja. Depois de mais algumas buscas, encontraram a caverna, não muito longe de Ollolai, aldeia perto de Fonni.

O esconderijo estava encontrado; os sequestradores não deveriam viver muito longe. Moralis e o *carabiniere* Serra começaram a visitar a Barbagia. Passavam horas bebendo *fil di ferro*, uma aguardente local, nos cafés da aldeia, fazendo amizades, conquistando a confiança de pessoas. Tornaram-se amigos dos *prinzipales*, os ricos pastores que chefiavam os antigos clãs, muitos dos quais com fichas na Polícia, não obstante respeitados pela sua gente como uma espécie de Robin Hoods. Por meio desses contatos, achava Moralis, iam isolando os adversários, que com certeza acompanhavam cada passo deles.

O primeiro indício surgiu quando um pastor da região telefonou a Moralis convidando-o para tomar algo. «Alguma novidade?» pergun-

tou Moralis. «*Chissà?*» (Quem sabe?) foi a resposta, como sempre evasiva. Mas, quando ele e Serra compareceram ao encontro, na sala de fundos de um café, o pastor barbudo abriu-se o bastante para sugerir que os suspeitos mais prováveis seriam os irmãos Falconi, de Fonni. Um deles era Giuseppe, pastor, e o outro Salvatore, um ex-criado doméstico que trabalhara na casa de uma condessa, em Milão. Gavino, o terceiro Falconi, estava preso por assalto, no continente. Serra especulava: «Família que tem preso precisa sempre de dinheiro para advogados.»

Em Fonni, Moralis e Serra asseguraram-se de que os dois irmãos haviam estado fora de circulação durante o sequestro. Em Decimoputzu, onde Giuseppe tomava conta de um rebanho, uma rápida verificação mostrou que ele também estivera ausente do trabalho exatamente durante o período do sequestro. Quando Moralis e Serra o apertaram com perguntas sobre o seu paradeiro naquelas datas cruciais, Giuseppe manteve um ar desafiador, mas seus alibis eram todos falsos. Moralis tinha a certeza de ter encontrado *Il Capitano*, e os *carabinieri* prenderam-no para averiguações.

Salvatore Falconi estava desaparecido, mas a Polícia apanhou-o quando se preparava para embarcar num navio em Porto Torres. Moralis achava que Salvatore era *Il Tecnico della Lettera*. Mais tarde, durante o julgamento, ficaria provado que

a sua letra era igual à do primeiro bilhete. E Salvatore possuía um Fiat 1100 com placa de Vercelli. Mas quem seria a mulher que viajava no carro?

Pacientes, Moralis e Serra continuaram a fazer vida social. Sua persistência acabou por dar resultado quando, um dia, o homem do bar num albergue deserto, ao servir-lhes a bebida, sussurrou entredentes: «Eu vi Salvatore Falconi com Casula.»

Gesuino Casula, motorista de caminhão de Sarule, já vinha sendo suspeitado como sequestrador. Por volta de 25 de março, sumira de circulação. Que lugar seria melhor para esconder-se, pensou Moralis, que a caverna, juntamente com a vítima que ajudara a sequestrar? Além do mais, *Il Mio Amico* era um entusiasta de carros, e Casula tinha uma Alfa Giulietta. Para completar, Moralis reconhecera em fotos de Casula mostrados pela Polícia o único rosto que chegara a ver, na noite em que fora solto. Em janeiro de 1969, Gesuino Casula foi localizado em Roma, preso e devolvido a Cagliari.

Agora, o clã dos Casula é que estava em cena. Uma das irmãs de Gesuino, Antonietta, era casada com Antioco «Ciocci» Moro, dono de uma fábrica de blocos de cimento. Era um indivíduo alto, de comportamento irregular, e que numa queda de cavalo perdera três dentes. Era a descrição de *Il Boia*.

Até aqui, no entanto, eram apenas provas circunstanciais. A prova real

da cumplicidade de Moro veio muito depois, quando Antonietta tentou trocar seis notas de 50.000 liras por um cheque, com um comerciante conhecido. As notas tinham os números de série do dinheiro com que o resgate fora pago. Além de Moro, a Polícia prendeu Antonietta e suas duas irmãs: uma das três era a mulher que andava no Fiat azul.

Do seu prejuízo, Luigi Moralis recuperou apenas as 300.000 liras que serviram de prova contra Moro. Mas ele teve outra espécie de recompensa: no dia 12 de junho de 1971, o Tribunal de Sassari condenou os sequestradores a penas de 40 a 60

anos de prisão, embora nenhum deles tenha confessado. Todas as sentenças estão sendo apeladas. Era a primeira vez na história da Sardenha que uma vítima conseguia identificar a maioria dos seus sequestradores, reconstituir o caso e levá-los à justiça.

Por que os camponeses do interior da Sardenha, uma gente famosa pelos seus silêncios, resolveram ajudar Moralis, um homem da cidade, nem sequer um nativo da ilha? A resposta talvez esteja no que lhe disse certa vez um dos *prinzipales*: «Nós na Barbagia respeitamos um homem que tenta reparar uma injustiça que lhe tenha sido feita.»



ESCOCESES são famosos pela sovinice. Um deles viu um seu amigo e patrício dirigindo um Lincoln novinho em folha e perguntou-lhe como o arranjara. «Bem, o negócio foi o seguinte: Eu estava pedindo carona na estrada, quando uma pequena dirigindo este carro parou. Viajamos durante algum tempo, e, de repente, ela entrou por um atalho, parou, tirou toda a roupa e disse: 'É tudo seu! Tome o que quiser!' Eu tomei o Lincoln.» O amigo olhou o carro por um instante e comentou: «Acho que você fez muito bem. As roupas dela não iam lhe servir mesmo.» — P. M. P. B.



Prós e Contras

LOTTE LENYA, atriz vienense do teatro musicado, dizia, aos 66 anos de idade, que achava boa a plástica facial para certas beldades profissionais. «Quanto a mim», acrescentava ela, «talvez daqui a uns 10 anos. Trabalhei tanto para conseguir as minhas rugas que pretendo guardá-las.» — E. W.

PERGUNTARAM um dia à falecida atriz Dame Madge Kendal, então em idade já bem avançada, qual era o seu segredo para manter-se com tão boa aparência. Sua resposta foi: «Procuro encher as minhas rugas com inteligência.» — L. M. C.